

MEMÓRIAS DA SAÚDE CARIOCA

EPISÓDIO 6: CLÍNICA DA FAMÍLIA HEITOR DOS PRAZERES - BRÁS DE PINA

Por Daniel Sampaio / SMS



Clínica da Família Heitor dos Prazeres, em Brás de Pina - jornal "Diário do Rio" - 18/1/2023.

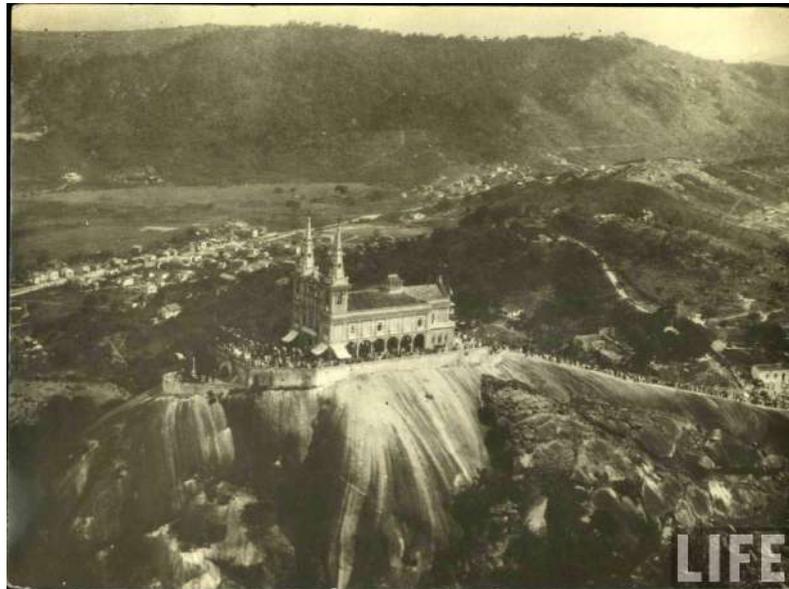
ANTECEDENTES HISTÓRICOS DA REGIÃO

Para que a gente possa resgatar as memórias da Clínica da Família Heitor dos Prazeres, precisamos entender um pouco mais sobre o lugar onde ela se encontra: o bairro de Brás de Pina. Para isso, vamos ter que viajar muito distante no tempo. O que aconteceu naquela região e qual a sua importância histórica para o Rio de Janeiro e para o Brasil?

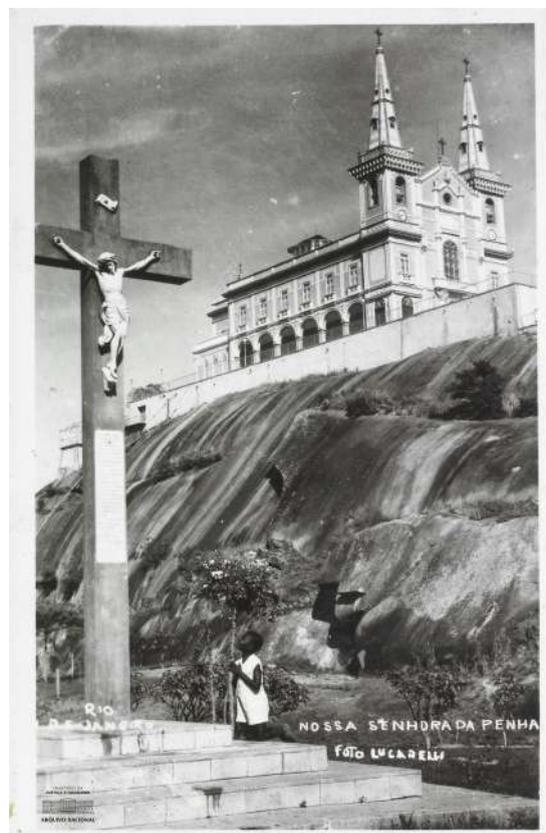


Em 1635, o capitão português Baltasar de Abreu Cardoso construiu uma igreja em homenagem à Nossa Senhora da Penha, no cume de um morro de sua propriedade, em terras próximas ao Centro da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Em 1728, foi criada a Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Penha para cuidar da igreja que havia sido construída e para dedicar-se à santa e a devoção a ela. Em 1819, a famosa escadaria de 329 degraus, talhada na própria pedra, foi concluída. Ao longo do século XIX, após inúmeras remodelações, o santuário ficou com o aspecto que hoje conhecemos.

A igreja de Nossa Senhora da Penha é referência histórica e cultural na paisagem urbana carioca, sendo avistada de longe de diversos bairros e também por quem chega na cidade por terra ou ar.



Por causa do imponente templo no alto no morro, toda a região passou a ser também conhecida como Penha, apesar de estar localizada oficialmente na Freguesia de Irajá. Mas a pergunta é: por que o bairro onde a Clínica da Família Heitor dos Prazeres está é chamado de Brás de Pina?



QUEM FOI BRÁS DE PINA?

O Contratador Brás de Pina foi importante empresário e senhor de terras português, que detinha o título de Visconde concedido pela Coroa Portuguesa, e que viveu na América portuguesa durante o século XVIII. Foi importante personagem para a pesca de baleias e também relevante senhor de engenho. Possuía, na região onde está o bairro carioca que leva, atualmente, o seu nome, um engenho de açúcar e de aguardente.

A sua propriedade era então chamada de “Fazenda Grande do Brás de Pina”. Não é exagero dizer que Brás de Pina foi um dos homens mais ricos e influentes do Brasil colonial, figurando como um dos maiores proprietários rurais da Baixada Fluminense e também da Capitania do Rio de Janeiro.

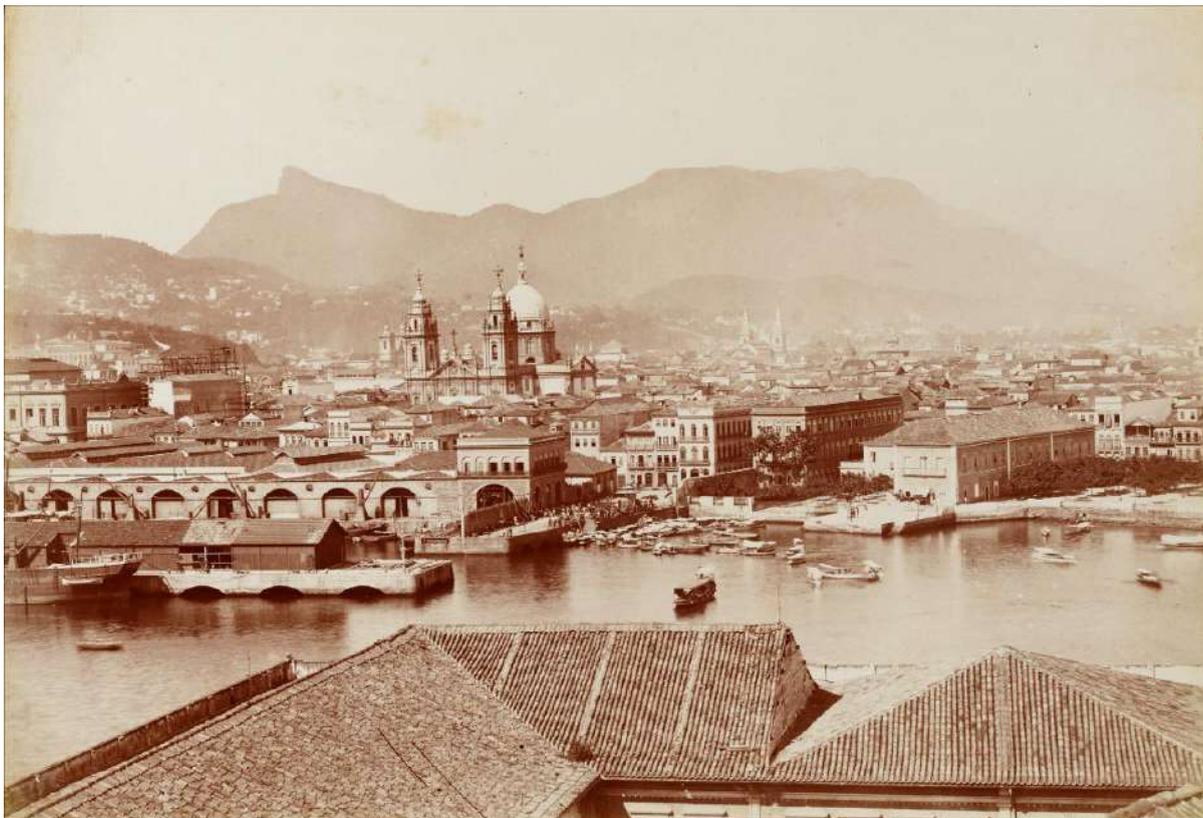


Pesca da baleia na Baía de Guanabara, por Leandro Joaquim - 1750/1798 - Museu Histórico Nacional

Suas terras estavam localizadas na Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação de Irajá, a mais antiga freguesia rural da cidade colonial de São Sebastião do Rio de Janeiro, que se estendia até a Baía de Guanabara, onde Brás de Pina explorava a caça de baleia em grande extensão de sua, chegando até Niterói. Em Ponta da Areia, perto de São Domingos, Niterói, sua presença foi tão marcante que, até hoje, o local onde ficava seu estabelecimento de pesca de baleias é conhecido como Armação. Há uma Rua da Armação, que sobe o Morro da Armação, situado na Ponta da Armação.

O cruel extermínio das baleias servia para extrair delas a carne e barbatanas, mas, principalmente, o óleo, que tinha diversos fins: iluminação caseira e urbana; fabricação de sabão e margarina; e podia ser usado como material impermeabilizante e adesivo na construção civil.

O CAIS DO BRÁS DE PINA



O Cais dos Mineiros. Gutierrez, Juan. Cais dos Mineiros, 189?. Rio de Janeiro, Centro, RJ / Museu Histórico Nacional

Na região central do Rio colonial, construiu um cais, também conhecido como Cais do Brás de Pina e depois como Cais dos Mineiros — usado para escoar açúcar, aguardente e óleo de baleia.

Estava localizado entre o Morro de São Bento e a atual Igreja da Candelária. Brás de Pina tinha muitas edificações urbanas de sua propriedade naquela região da cidade, mais especificamente na Rua Direita, atual Rua Primeiro de Março; sobretudo no seu lado par, que era voltado para o mar. Não era, portanto, apenas rural a vastidão de seu império financeiro.

Em 1751, aquela região do Cais dos Mineiros, ou Praia de São Bento, foi designado pelo então Tribunal da Relação (autoridade colonial máxima), como o local oficial da forca para as execuções que ocorressem em nossa cidade.

O primeiro réu foi lá executado na madrugada de 21 de março de 1753, mas logo os beneditinos, que gozavam de íntima relação com o governador, conseguiram mover a forca para outro lugar, longe do Mosteiro.

A IMPROVÁVEL CONEXÃO BRÁS DE PINA - BÚZIOS

Os empreendimentos baleeiros do Contratador Brás de Pina não se limitavam à Guanabara. No atual município de Armação de Búzios, um povoado então criado pelo próprio Brás de Pina, a participação desse grande exterminador de cetáceos era marcante, impulsionando a caça às baleias, concentrada na Praia da Armação e na Praia dos Ossos para tal fim.



Paróquia de Sant' Anna e Santa Rita, em Búzios. Foto encontrada no website da igreja - <https://paroquiadebuzios.com.br/santanna/>

Foi responsável pelo comissionamento e construção da Capela de Sant'Anna, em 1743, utilizando pedra, cal e argamassa de óleo de baleia nas obras. O templo segue de pé, em Búzios, como o único remanescente arquitetônico, na região, do período da caça baleeira. Brás de Pina teria ordenado a construção da Capela para homenagear a santa que, segundo dizem, teria sido a causadora de um milagre náutico: ter salvado um navio negreiro de um naufrágio.

AS TERRAS DE BRÁS DE PINA SE DIVIDEM

O contrato de Brás de Pina com a Coroa Portuguesa terminou em 1765, pois o número de baleias diminuía cada vez mais. Mesmo assim, seu contrato com a Coroa — incluindo as armações de Cabo Frio, Búzios, Rio de Janeiro e Ilha Grande — foi arrematado por um período de 12 anos à razão de 40 mil Cruzados anuais, por Pedro Quintela.

Com sua morte, ainda no século XVIII, as terras de Brás de Pina na Freguesia de Irajá, antes vastos latifúndios, passaram a ser cada vez mais fracionadas e vendidas por seus herdeiros, geração após geração. Engenhos menores, que se tornavam fazendas ou sítios ainda menores.

Vejamos anúncio do Diário do Rio de Janeiro de 12 de novembro de 1824:

5 Vende se ou arrenda-se hum sitio em terras do Engenho do Braz de Pina, na Penha, com casas de sapé, arvoredos de diversas qualidades, plantações de mandioca, e milho, todo cercado de espinho ao redor do seu terreno; quem o quizer comprar, dirija-se a rua do Sabão em huma loja de cabos N. 7, a falar com Mauricio José de Carvalho.

Há anúncios neste mesmo jornal, em 7 de abril de 1837:

3 Quem quizer comprar hum sitio com casas de telha, bom arvoredos, caféa, bom pasto para animaes, com rio dentro, e muitas larguezas, cito em terras do Engenho de Botafogo, Freguesia de Irajá; dirija-se ao portinho junto ao Engenho Braz de Pina, onde achará o dono Fernando Luiz Barreto, que o vende por preço commodo.

4 Vende se na rua da Conceição n. 27, huma criouliuha de idade 14 annos, sabe cozinhar, engomar, e cozer, e dá-se por commodo preço.

Nas últimas décadas do século XIX, tamanho o avanço desse processo de desmembramento das terras do Contratador Brás de Pina, a região havia sido dividida em glebas, pertencentes a famílias como os Gama, os Ene e os Lobo.

Aos poucos, essas glebas foram também loteadas, sendo ocupadas por pequenos agricultores, na maioria imigrantes de origem portuguesa, que faziam o cultivo de gêneros agrícolas, como frutas, legumes e verduras, assim como produtos derivados da pecuária, principalmente, leiteira para suprir o mercado consumidor local da Corte, assim como outras regiões rurais do Rio.

O artigo intitulado “A propósito de abolição”, publicado na Gazeta Suburbana de 15 de dezembro de 1884 diz o seguinte (adaptado à ortografia atualmente vigente):

“Próximas do grande centro consumidor, como é a capital do Império [Rio de Janeiro], cortadas quase todas pela E. F. D. Pedro II, e as de Inhaúma e Irajá por esta e a Estrada do Rio do Ouro [atual Linha 2 do metrô], tendo ainda ao litoral portos de embarque marítimo a uma hora mais ou menos de distância da capital [essas fazendas] podem e devem assumir papel importante na pequena lavoura; porque para elas a grande já não existe e a pouca que há é para vergonha própria.

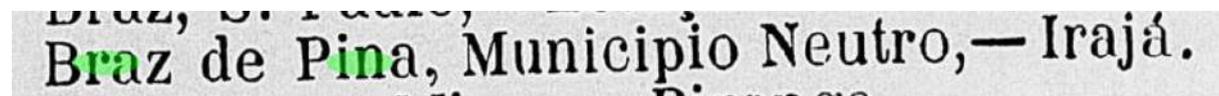
E se não fora a iniciativa particular de grande número de cidadãos portugueses que ali exercem a pequena lavoura com admirável proveito, estimulando o nacional a envergonhar-se da vadiação, porque não foi acostumado ao trabalho como o escravo – talvez que o nosso mercado estivesse deserto dos legumes e frutas que lá encontramos.

É, pois, com essa colonização espontânea e com os braços nacionais desaproveitados, que devemos prosseguir e progredir no Município Neutro [depois Distrito Federal, depois Estado da Guanabara].

*Para justificar esse acerto basta nomearmos as fazendas do Vigário Geral, Cordovil, **Brás de Pina**, Frutuoso e muitas outras em Irajá, decaídas há muito da grande lavoura e hoje alevantadas pela pequena, por essa gente que tem vindo em busca do pão por meio do trabalho honesto e inteligente, sem nos custar um só real o seu transporte a esta terra!”*

-

Apenas a título de curiosidade, encontramos no Guia Postal do Império, de 1880, “Braz de Pina”, já como parte do Município Neutro da Corte, mas apenas como uma localidade de Irajá.



Braz de Pina, Município Neutro, — Irajá.

Guia Postal do Imperio do Brazil : Publicação Oficial (RJ) - 1880. Também encontrado em <http://memoria.bn.br/DocReader/707449/138>

A ESTAÇÃO DE TREM



Acervo digitalizado do Museu Imperial - Petrópolis - RJ

O aumento populacional da região, causado pelo aumento significativo de lotes agrícolas e do número de famílias ali residentes, colocou-a no mapa da expansão ferroviária que acontecia nas últimas décadas do século XIX. Uma dessas expansões, a construção da Estrada de Ferro Norte, foi realizada entre 1883 e 1886, com o objetivo de finalmente conectar o Rio de Janeiro a Petrópolis.

Antes, a viagem era feita de barca do Rio até Magé, onde tinha início a estrada de ferro mais antiga do Brasil, construída por Mauá. Dali ela seguia até Petrópolis — uma viagem feita frequentemente pela Família Imperial.

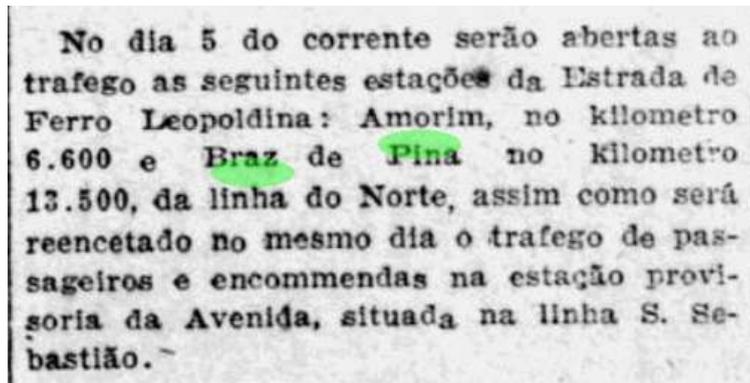
A partir da década de 1880, com a Estrada de Ferro Norte, começa a ser construída uma ligação ferroviária entre Petrópolis e o Rio, que inicialmente ia da Cidade Imperial até Piabetá, em Magé, tendo como estação terminal São Francisco Xavier, no atual bairro de mesmo nome.

Em 23 de outubro de 1886, foi realizada a viagem inaugural, da E. F. Norte, ligando as estações de São Francisco Xavier, da Estrada de Ferro Pedro II até o Arraial da Penha, no Quilômetro 12. A viagem inaugural deu-se de forma satisfatória, partindo o trem da estação de São Francisco Xavier às 16h25min. A chegada do trem a seu destino marca o início do desenvolvimento do bairro da Penha e de toda a região.

Nesse dia, foi também aberta a estação Brás de Pina, batizada assim em homenagem ao antigo senhor de terras da região. No início, era uma estação de madeira, muito rudimentar e quase provisória, situada no final da rua Santo Antônio, antigamente rua Oricá, na Vila Guanabara. Somente em 1910 a estação seria de fato inaugurada.

A E. F. Norte foi adquirida na década de 1890 pela Leopoldina Railway, que estendeu a linha, em 1926, até onde hoje está a Estação Leopoldina, inaugurada no mesmo ano — hoje conhecida como o ramal de Saracuruna.

Em 03 de outubro de 1897 o jornal O PAIZ registrava, em relação à festa da Penha que: “Se antes dos comboios da estrada de Ferro eram 50.000 os devotos, hoje não fica mentiroso quem os calcula em 120.000”.



No dia 5 do corrente serão abertas ao trafego as seguintes estações da Estrada de Ferro Leopoldina: Amorim, no kilometro 6.600 e Brás de Pina no kilometro 13.500, da linha do Norte, assim como será reencetado no mesmo dia o trafego de passageiros e encommendas na estação provisoria da Avenida, situada na linha S. Sebastião.

Jornal do Commercio - Edição da Tarde - 3/9/1910. Também encontrado em <http://memoria.bn.br/DocReader/111988/967>

Em 3 de setembro de 1910, a edição da tarde do Jornal do Commercio noticia que, no dia 5, a estação de Brás de Pina seria aberta ao tráfego. É então inaugurada no dia 5 de setembro daquele ano a estação que finalmente traria o desenvolvimento ao futuro bairro que sequer imaginava existir.

É por isso que Brás de Pina, e outros bairros próximos são chamados de bairros da Leopoldina, que se tornou o nome da região, antes considerada parte da Freguesia de Irajá.

BRÁS DE PINA NO INÍCIO DO SÉCULO XX

A Brás de Pina do início do século XX já tinha seus problemas: os principais deles eram a violência urbana, os atropelamentos e acidentes envolvendo a estação e a linha ferroviária. Associada a isso estava a carência por serviços públicos. Vítimas de brigas, furtos ou assaltos eram atendidas em delegacias longínquas.

Cidadãos feridos, envolvidos em atropelamentos ou acidentes ferroviários, tinham na Assistência do Méier seu serviço de saúde mais próximo. Dependendo da gravidade, precisavam ser levados até o Posto Central de Assistência Pública, embrião do Hospital Souza Aguiar, na Praça da República.

Que tal se a gente percorresse essa Brás de Pina rural e problemática, junto com a Imprensa da época? Te prometo que você nunca mais vai dizer aquela frase famosa “ai como era bom antigamente!”

1) ACIDENTES NO TREM

Incidentes e acidentes com passageiros durante a viagem de trem, ou no embarque e desembarque eram muito comuns em toda a rede. Mas os moradores de Brás de Pina apareciam muito na Imprensa. Pessoas caíam na linha, prendiam as mãos nas portas, eram atingidos pelos trens e por aí vai.

Em março de 1915, o sapateiro Abílio Rodrigues Brandão, de 32 anos, morador de Olaria, viajava na plataforma de um trem quando, ao passar por Brás de Pina, perdeu o equilíbrio e caiu na linha. Na queda, Abílio recebeu diversas contusões pelo corpo, sendo medicado pela Assistência Municipal e removido para a Santa Casa.

2) CONTRAVENÇÃO PENAL - JOGO DO BICHO

Um leitor do Jornal do Brasil, em março de 1903, escreve ao jornal, mas direciona suas palavras à polícia. Diz que, em Brás de Pina, há mais de 10 vendedores do “Jogo do Bicho”. O chefe deles teria sido preso recentemente, por estar ameaçando transeuntes com um facão. Ao chegar no distrito policial, é liberado imediatamente, como se tivesse alguém que o protegesse. Será?

3) FURTO DE JOIAS

Reclama ao jornal “A Notícia”, de julho de 1909, o Sr. Joaquim Ferreira Braga, proprietário e morador do “Campo de Braz de Pina”, na Freguesia do Irajá, que possuía uma custosa (cara) corrente e relógio de ouro e uma medalha cravejada de brilhantes, que há dias lhe foram subtraídos. As desconfianças recaíram sobre Silvestre Pereira da Silva e Francisco Pereira, que no dia anterior haviam sido presos pelo cabo comandante do destacamento da Penha, que os enviou para a delegacia do 23o distrito.

4) AGRESSÃO

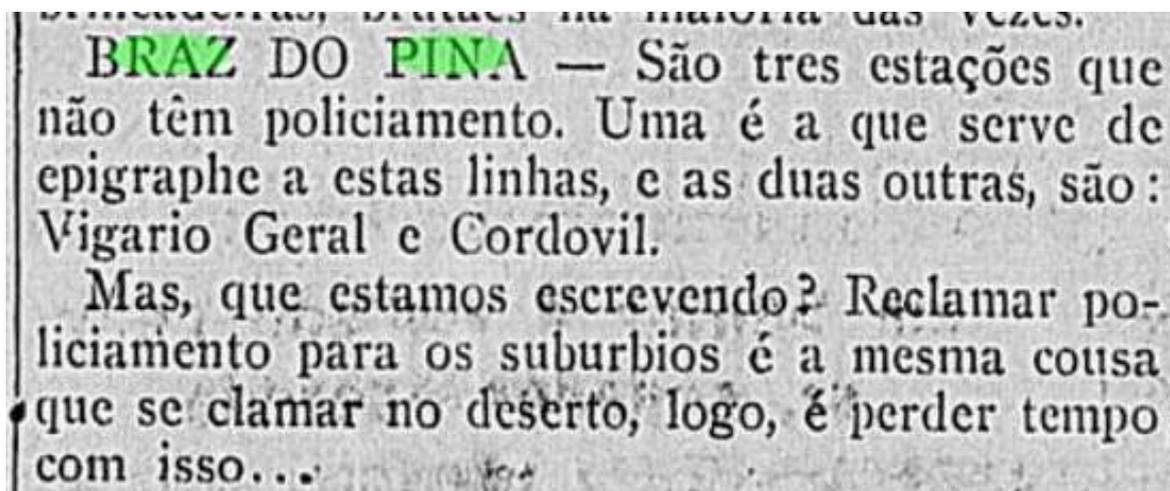
Relata o jornal “A Notícia”, de 30 de julho de 1913, em uma nota intitulada “Quatro contra um na Penha”, que Antônio Teixeira Rodrigues, empregado do comércio de Brás de Pina, queixou-se à polícia do 23º Distrito de uma agressão a pauladas perpetrada por 4 homens, entre eles um chamado Simeão. O comissário Hernani tomou providências imediatas e o tal Simeão foi recolhido logo ao xadrez. O mais curioso: na hora de relatar como estava a vítima, o jornal aproveitou para fazer propaganda, dizendo “Antônio que está muito maltratado, foi medicado na farmácia Silva”.

5) MAUS TRATOS INFANTIS FATAIS

Em 12 de julho de 1910, o jornal “A Notícia” dá a sinistra notícia da morte de um menino de dois anos, causada por uma mulher a quem sua mãe havia pedido que o cuidasse, pagando mensalmente. Descobriu-se, após denúncias de um vizinho, que a “Megera” (como é chamada na matéria) espancava-o, deixava-o sem comer e dava-lhe cachaça até que o menino se embebedasse e dormisse. Ao descobrir, a mãe desesperada foi socorrer seu filho. Era tarde demais. Além das pancadas, estava intoxicado em altíssimo grau devido ao álcool a que era submetido constantemente. Morreu logo depois o coitadinho.

6) FALTA DE POLICIAMENTO

Eram constantes as reclamações sobre a falta de policiamento, tanto nas estações quanto nas ruas de Brás de Pina e de outras estações próximas. Em janeiro de 1913, leitores do jornal “O Imparcial” expressaram bem sua indignação:



O Imparcial - 28/1/1913. Também encontrado em http://memoria.bn.br/DocReader/107670_01/644

7) PRIVATIZAÇÃO CRIMINOSA DA ÁGUA

O jornal “A Noite” denunciou um caso muito peculiar e bem típico do patrimonialismo e clientelismo do nosso país. Ocorre que, em novembro de 1915, falta água nas residências que ficam entre as estações Brás de Pina e Penha. Isso era um problema para a gente pobre de lá. Os ricos simplesmente resolviam o problema. Havia uma Diretoria de Águas e Obras Públicas que concedia privilégios a todo aquele que tivesse “boas” relações com os engenheiros dos distritos onde moravam.

Um desses cidadãos que tinha muitos bons conhecimentos na repartição de águas, Sr. Manoel Ignácio Rodrigues, era também proprietário de muitos terrenos em Brás de Pina. Esse senhor conseguiu a inusitada concessão de passar canos d’água por uma de suas propriedades. Essa tubulação galvanizada ia buscar água direto da fonte, na Estrada do Portinho.

Curioso foi quando os vizinhos do Sr. Manoel, um total de 2.000 casas, viram o cano abastecendo de água o terreno ao lado. Festejaram, batendo palmas. Mas como alegria de pobre dura pouco, os vizinhos logo descobriam que, para “puxar um ramal do cano que passa em seus terrenos”, o Sr. Manoel cobraria apenas 50 mil réis de cada um.

“Houve protestos, mas quase todos tiveram de pagar — os que o puderam — ao feliz proprietário, o quinhão do privilégio imoral”, ironiza a matéria do jornal “A Noite”.

O Sr. Manoel diz ao repórter, sem nenhum pudor, que logo vai requerer outro cano de 500 metros na Diretoria. E ainda acrescentou “que o seu privilégio é eterno e que o seu cunhado Manduca irá fazer o mesmo nas ruas ultimamente abertas na Penha.”

A matéria termina com a pergunta (que só pode ser retórica): “Que dirá a isso o Sr. ministro da Viação?”

O mais curioso de tudo ainda é o fato de que há fotografia do Sr. Manoel Ignácio Rodrigues, monopolista aquífero de Brás de Pina, posando orgulhoso ao lado de uma de suas “fontes” (de renda).



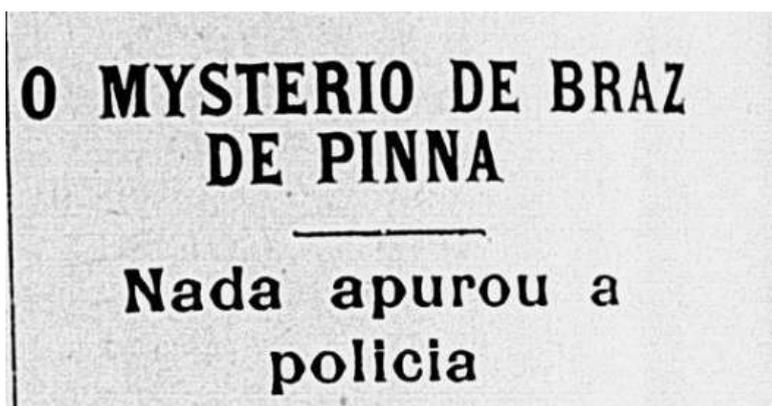
8) DESLEIXO COM A DIGNIDADE HUMANA

Naqueles anos 1910, Brás de Pina era conhecida por sua absurda quantidade de cadáveres, sobretudo de crianças, que surgiam na mata, sem explicação. Às vezes também ocorria de um pai ou mãe não enterrar seu filho, por não ter condições e pela total falta de resposta da assistência pública.

Uma frase tirada do jornal “A Notícia”, de 3 de julho de 1915, em reportagem que noticiava o encontro de cadáveres no mato, em Brás de Pina, resume bem essa situação:

“Essa baixada que conduz ao Morro dos Urubus é também conhecida por “Serra da Miséria”, ou por Estrada de D. Leopoldina, e vai dar à localidade denominada Brás de Pina, na Penha.”

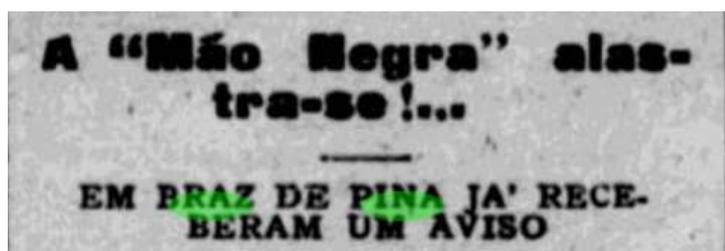
Em novembro de 1915, mais um cadáver de criança é encontrado, mas, dessa vez, as marcas são duras demais e o horror foi demais até para agentes acostumados com essas questões desumanas. Uma menina muito nova havia sido brutalmente assassinada e deu-se início a uma investigação como nunca antes. Era o “Mysterio de Braz de Pinna”, que nunca chegou perto de ser solucionado.



Jornal “O Século” - 23/11/1915. Também encontrado em <http://memoria.bn.br/DocReader/224782/10924>

9) A “MÃO NEGRA”

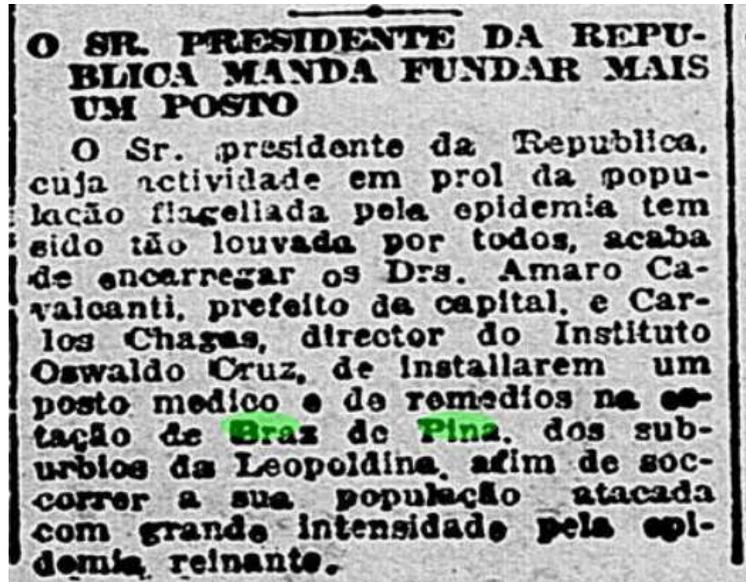
A Brás de Pina do início do século XX também sofria com o crime organizado. Um grupo que se autodenominava “Mão Negra” fazia ligações telefônicas para estabelecimentos comerciais e avisava o dia em que iria passar para fazer uma “visitinha”. E ainda acrescentavam que em nada adiantava alertar a polícia, pois a ação não seria interrompida. Eram assaltantes ou pré-milicianos? Fica para outro momento...



Jornal “A Razão” - 20/3/1917. Também encontrado em <http://memoria.bn.br/DocReader/129054/780>

A GRIPE NOS SUBÚRBIOS

Durante a pandemia global de Gripe Espanhola, o jornal "Gazeta de Notícias", de 27 de outubro de 1918, noticiou um avanço no atendimento à população de Brás de Pina:



Jornal "Gazeta de Notícias" - 27/10/1918. Também encontrado em http://memoria.bn.br/DocReader/103730_04/45386

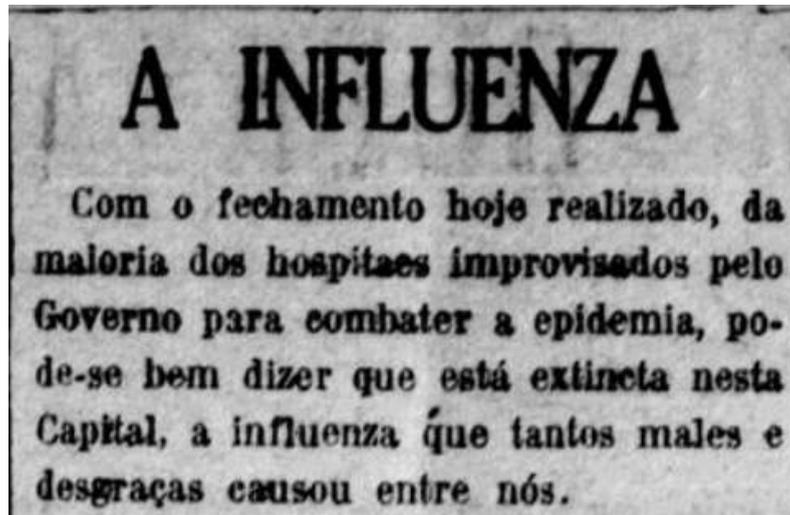
Na revista "Caretá", de 9 de novembro de 1918, com o título "A gripe nos suburbios", vemos imagens da prestação de socorros aos pobres no posto de Brás de Pina.



Revista "Caretá" - 9/11/1918. Também encontrado em <http://memoria.bn.br/DocReader/083712/20749>

Em meados de novembro de 1918, a “influenza” já parecia ter feito quase todo o seu estrago em terras cariocas. O “Jornal do Commercio”, de 14 de novembro de 1918, dizia que a maioria dos hospitais improvisados pelo governo para combater a epidemia haviam sido fechados naquela data.

“Pode-se bem dizer que está extinta nesta Capital, a influenza que tantos males e desgraças causou entre nós.”



“Jornal do Commercio” - 14/11/1918. Também encontrado em <http://memoria.bn.br/DocReader/111988/13848>

O Posto de Brás de Pina foi um dos estabelecimentos fechados naquele dia 14 de novembro. Os únicos hospitais que permaneceram abertos foram o de Campo Grande, o da Escola Deodoro e o de Ramos, que, segundo a reportagem, tinha ainda doentes cujo estado “não era muito lisonjeiro”— o que podemos talvez interpretar como “estado grave”.

O Dr. Carlos Chagas, diretor de saúde pública, avisava que todos os hospitais e desinfetórios que funcionavam antes da epidemia, voltaram ao seu normal funcionamento.

Mas e a saúde em Brás de Pina?

BRÁS DE PINA RECEBE INVESTIMENTOS E UM PLANEJAMENTO URBANO

A partir da década de 1920, o setor imobiliário carioca prosperava com o crescente aumento populacional, respaldado por bons históricos financeiros. Uma dessas empresas, a Companhia Imobiliária KOSMOS, fundada e dirigida por Oscar Sant’Anna, mas de propriedade da família Guinle, adquiriu terras rurais em bairros como a Tijuca, ou em regiões rurais mais próximas à cidade e que eram servidas por transporte ferroviário.

Entre esses loteamentos estavam a Villa Florença (que deu origem ao bairro de Vila Cosmos), Villa Igaratá (que deu origem ao bairro de Cosmos) e a Villa Guanabara, que originou o bairro de Brás de Pina).

Aqui está um anúncio publicado em O Jornal em 16 de junho de 1928:

A Companhia Imobiliária KOSMOS



ABRIRA' BREVEMENTE

a grande venda dos seus terrenos

VILLA TIJUCA – Rua Conde de Bomfim.
VILLA GURUPA – Estação Circular da Penha – Subúrbio da Leopoldina.
VILLA GUANABARA – Estação Braz de Pinna – Subúrbio da Leopoldina.
VILLA YPIRANGA – Estrada Braz de Pinna – Subúrbio da Leopoldina.
VILLA FLORENÇA – Estação Vicente de Carvalho – Subúrbio da Rio d'Ouro.
VILLA BELMONTE – Estação de Campo Grande – Estrada de Ferro Central.
VILLA IGARATA – Estação “Kosmos” – Ramal de Santa Cruz.

Todos os terrenos que serão postos à venda têm as ruas aprovadas pela Prefeitura do Distrito Federal

Prestações mensaes desde 20\$000

Prospectos e informações: **COMPANHIA IMMOBILIARIA KOSMOS**
 RUA DA QUITANDA, 71-2.º (Elevador)
 (EDIFÍCIO DO BANCO DE CREDITO MERCANTIL)

Em trecho do livro "Vestígios da paisagem carioca", de Isabel Moura Mota e Patrícia Pamplona, podemos entender melhor o significado da Villa Guanabara:

“A Vila Guanabara, bairro residencial modelo que surgiu no fim dos anos 1920, foi a base de formação de grande porção do atual bairro de Brás de Pina, antes pertencente à freguesia do Irajá. O projeto era da iniciativa privada, mais precisamente da Companhia Imobiliária Kosmos (...). A empresa adquiriu as terras e planejou, loteou e urbanizou o novo endereço, que propunha oferecer moradias de qualidade com acesso a serviços essenciais (comércio, diversão, esporte, transporte, assistência religiosa).

Nos anúncios destacava o nascimento de ‘uma verdadeira Cidade Jardim’, servida por ‘120 trens diários’. Hoje restam algumas edificações sem as feições originais e uma igreja, e já é raro quem se lembre dos tempos da Vila Guanabara.”

As terras do antigo engenho agora eram lotes para casas, um conjunto de glebas, com ruas arborizadas e casas em estilo neocolonial. Os técnicos europeus, encarregados do projeto e das obras, dotaram o bairro de quarteirões projetados para abrigar bosques de eucaliptos, ornamentando as ruas com ipês, sapucaias e flamboyants.

AS CIDADES JARDINS

A felicidade e a vida ao ar livre ao alcance de todos

Será iniciada AMANHÃ a grande venda
dos lotes de terrenos da VILLA GUANABARA

Planta aprovada
pela Prefeitura do
Districto Federal

A VILLA GUANABARA,
é um novo bairro que se
abre, uma verdadeira cidade,
calculada para uma população de mais
de 10.000 habitantes, que terão todo o
conforto e bem estar.

Situada no suburbio da Leopoldina, tendo a estação
BRAZ DE PINA no centro do terreno, é atravessa-
da pelas Estradas Rio Petropolis e de Irajá.

A VILLA GUANABARA se divide em duas partes bem distintas :
uma lançada em ruas sinuosas, admiravelmente suaves, por
sobre a montanha, de onde se descortina um panorama maravilhoso
e onde uma viração constante amenisa os rigores do verão,
atingindo o ponto mais elevado a 62 metros de altitude ;
outra projectada sobre uma linda planicie com boa côta de
elevação sobre o nivel do mar.

A planta obedece a desenho caprichoso, de accordo com os
modernos traçados das cidades jardins.

Estão sendo executados nesses terrenos trabalhos extraordinarios de arruamentos,
compreendendo grandes côrtes terraplenagens e mac-admissão de ruas todas
com meios-fios e sargetas.

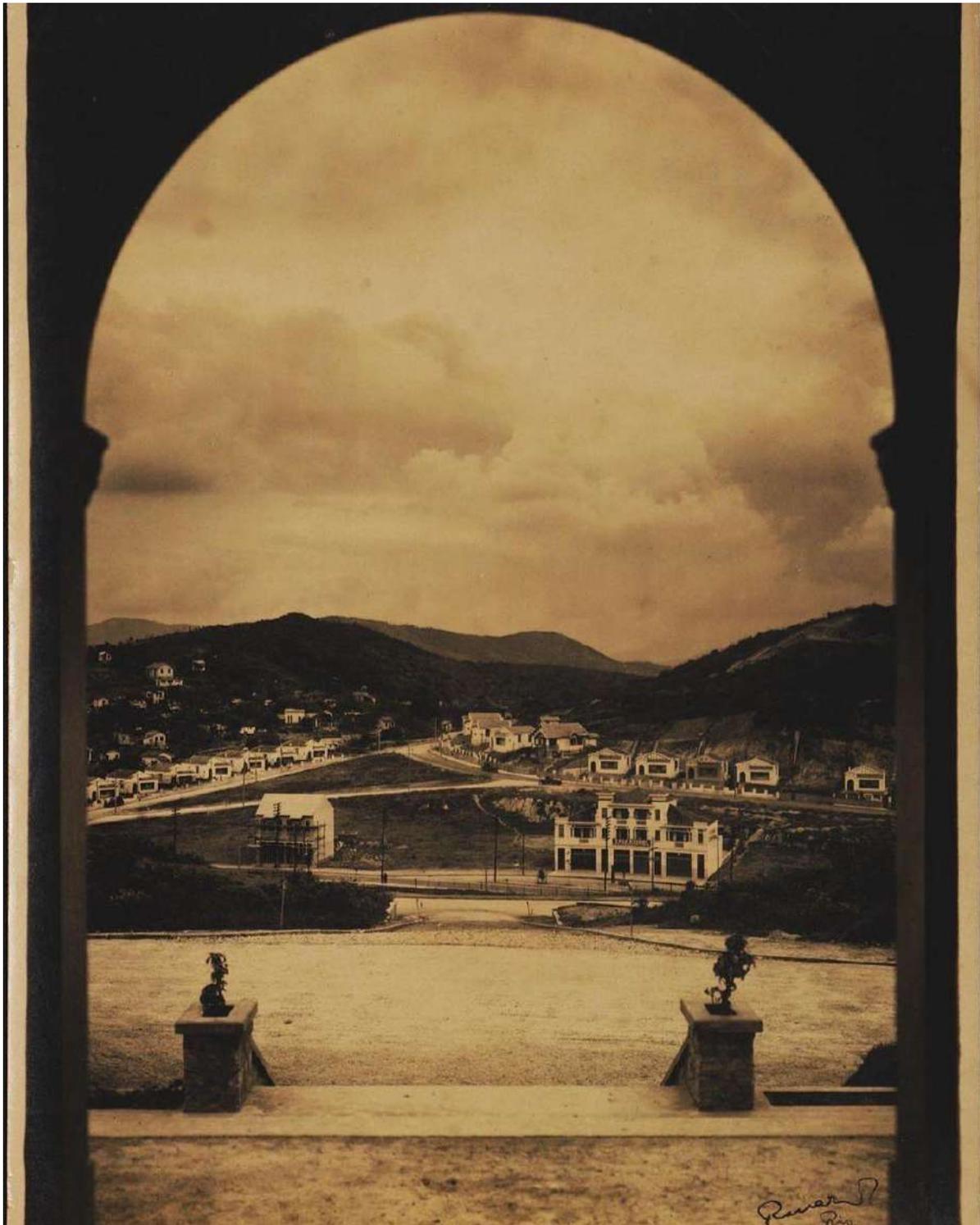
Serão construidos brevemente 50 predios, uma Igreja, Escola, Armazens, etc.
As obras em execução se elevam a mais de 2.000:000\$000.

Servida por
120 trens diarios a
32 minutos do centro



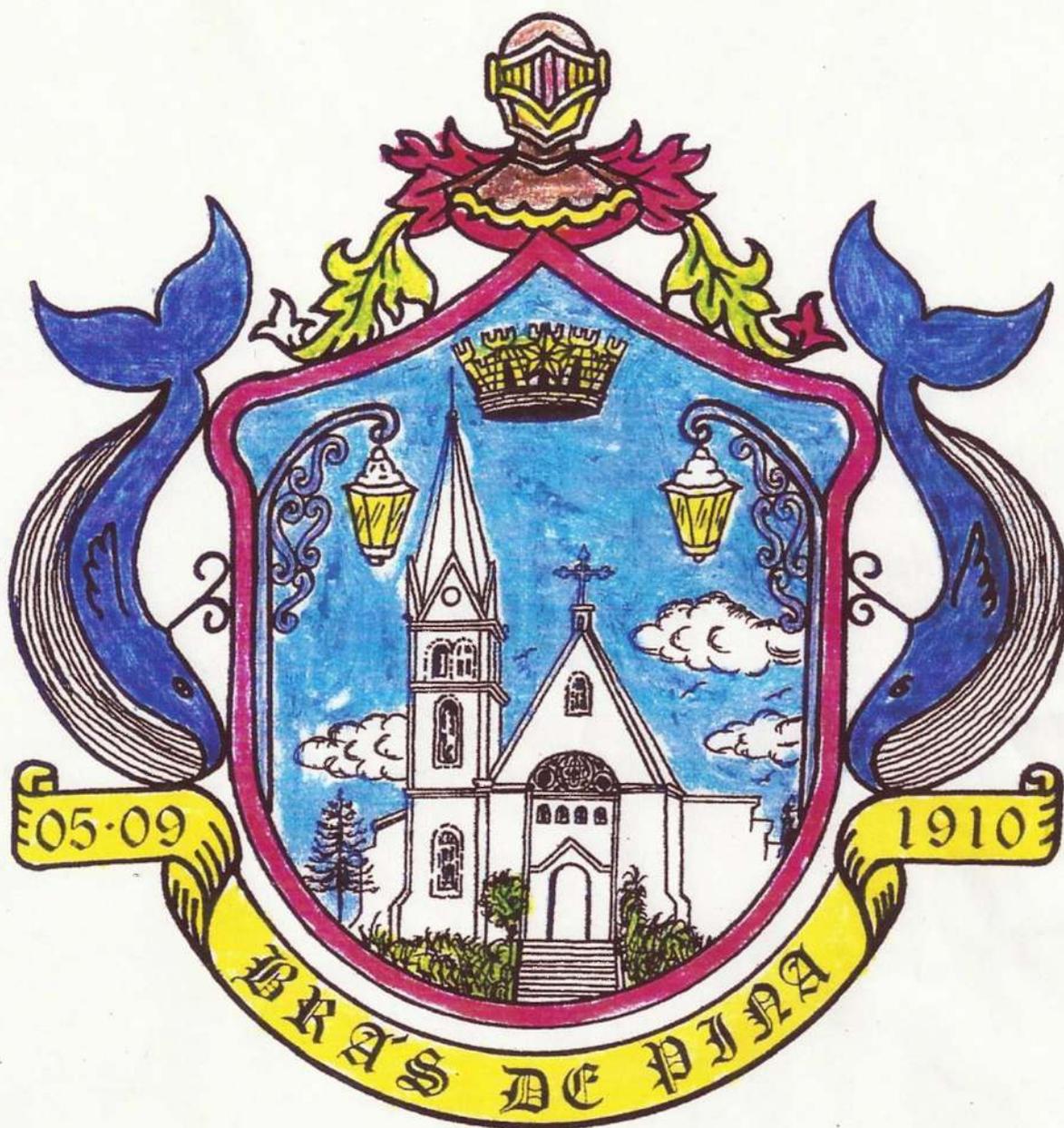
- A Noite, 23/06/1928 (acervo: FBN)

Para atender à nova Villa Guanabara, a KOSMOS investiu em dois estabelecimentos que certamente a população iria desfrutar, de diferentes maneiras: um clube social e uma igreja católica. Nasceram assim o Brás de Pina Country Club e a Igreja de Santa Cecília, patrocinados pela imobiliária.



- Vila Guanabara vista da igreja de Santa Cecília, Renard, s.d. (acervo: MIS-RJ)

No dia 22 de novembro de 1929, foi inaugurada a Paróquia Santa Cecília, padroeira dos músicos e do bairro. É uma construção de estilo renascentista romano, cópia fiel de uma antiga Igreja da cidade de Berne, Suíça. Por causa de sua importância para a comunidade, comemora-se, na data de fundação da Igreja de Santa Cecília, o aniversário do bairro de Brás de Pina.



Heraldica do Brasão de Brás de Pina

- Elmo** ----- Representa todos os grupos da sociedade do Bairro
- Baleia** ----- Representa o fornecimento de óleo para a luz
- Escudo** ----- Campo azul céu com a igreja que mostra a religiosidade do Bairro
- Listel** ----- Sesmanha de Brás de Pina
- Castelo** ----- Representa o Estado a que pertence
- Lampeões** - Representa a luz e iluminava a Cidade com óleo de Baleia

O lançamento da matriz de SANTA CECILIA de BRAZ DE PINNA

PEDRA FUNDAMENTAL



DOMINGO passado foi lançado a pedra fundamental da nova matriz de Santa Cecilia de Braz de Pinna no esplendor instalado no lado daquela ruação da Leopoldina, no novo bairro Jardim que, para abastecer a Companhia Industrial de Foz de Iguaçu, que tem a "sua carga" a construção do novo templo.

O acto revestiu-se de maior importância, tendo a elle comparecido pessoalmente S. Ex.ª, o Sr. Arcebispo Conde de São João de Javari, D. Sebastião Lima, que celebrou antes a missa campal, precedendo em seguida a lançam. da pedra fundamental da nova igreja.

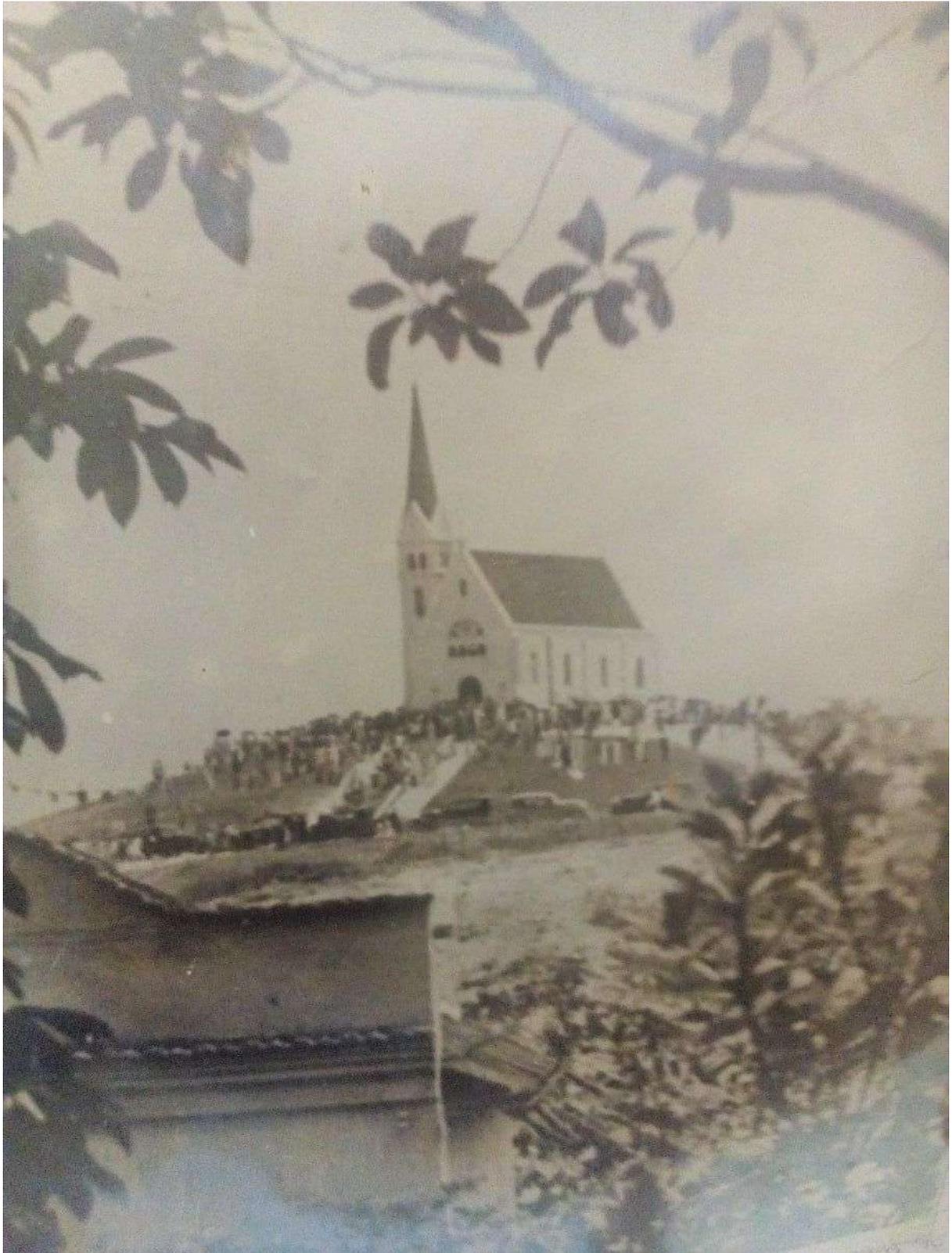
Foi confiado o trabalho ao grande mestre mestre Cosme Di. Benedito Marinho, que prometteu uma obra de arte, e ao Sr. Di. Oscar G. São Anna, director da Companhia, fez um discurso elogiando a iniciativa para a Matriz e associando em nome daquela empresa o compromisso de levar a cabo a sua imponente construção, que é de bello estilo gótico, tendo no todo a maneira das antigas igrejas Italianas a terra, em cuja base se está o baptisterio.

Acharam-se entre os presentes os directores da Companhia, representantes do clero e de instituições, pessoas da zona, etc.

1 - A nova Matriz de Santa Cecilia de Braz de Pinna, em construção.

2 - A igreja de São. Sr. Arcebispo Conde de Javari.

estas, abençoada a matriz de Foz de Iguaçu, que incorporados começaram a Santa, além de grande número de outras igrejas.



Igreja Santa Cecília - Braz de Pina RJ - foto da inauguração em 1929 Bairro de Braz de Pina - Rio de Janeiro - Perfil [Glauco Moliterni](#) - PINTEREST

OS ANOS DOURADOS DA PRINCESINHA DA LEOPOLDINA



<http://zonanorteetc.com.br/rio-450-anos-zn-na-historia-bras-de-pina/>

O empreendimento foi um sucesso e, com o passar do tempo, novos estabelecimentos foram sendo construídos, como escolas, restaurantes, clubes, e todo tipo de comércio. Um bom exemplo foi o Restaurante Kalunga, considerado o que havia de mais moderno em experiência gastronômica na cidade. Foi inaugurado em setembro de 1946, bem no Centro de Brás de Pina.

RIO DE JANEIRO — DOMINGO, 15 DE SETEMBRO DE 1946 — A MANHÃ — PAGINA

INAUGUROU-SE EM BRAS DE PINA O "KALUNGA" MODERNÍSSIMO BAR E RESTAURANTE

No interior do KALENGA, frequentação e comodidade em pôze para e amozu objeiva

vêr, gerente do Banco Prud' do E. do Rio de Janeiro; dr. Araripe Paria, médico e jornalista; sr. José Edmundo Barbalho, despachante; dr. Teófilo B. dos Santos; sr. Alzides Teixeira; sr. Jurandir do Machado; sr. A. Costa; sr. Venício V. Nascimento; sr. Jair Neto de Vasconcelos, Fiscal do Governo do Estado do Rio, além de outras personalidades de todas as classes sociais.

Silve e são festivo e a iniciativa dos srs. Waldir M. Fontes e Luiz Pinto falaram o dr. Ary Guimarães; o dr. Crânio Reis; dr. Otto Silva Souza; General Araripe Paria. Destacaram eles a importante obra. Em nome da firma — que é M. Fontes, Pinto Ltda. — usou da palavra o sr. Waldir M. Fontes. A todos agradeceu as expressões e confirmou o seu ideal e o do sr. Luiz Pinto: Tudo em benefício de Brás de Pina.

A gerência do "Kalunga" está entregue ao sr. Celastino Pinto de Moura e ao seu auxiliar sr. Edilo Lourenço Ferreira; o serviço de cozinha, entregue ao sr. Carlos de Oliveira e suas ajudantes srs. Silvío dos Santos e Abílio da Silva.

As instalações do "Kalunga" estão aparelhadas para atender, com rapidez, comodidade e limpeza, em ambiente agradável, a clientela. E tem sido muito elogiado o critério dos projetos, além de ser favoravelmente comentado o paladar da cozinha do "Kalunga", a qual trabalha sempre com mercaderia de absoluta qualidade.

Com a organização do "Kalunga", os srs. Waldir Magalhães Fontes e Luiz Pinto proporcionaram Brás de Pina e as localidades adjacentes, enriquecendo o comércio com uma casa digna do progresso que ali se obtivera.

O GOVERNO ASSUME A RESPONSABILIDADE DO PASSIVO DAS EMPRESAS INCORPORADAS AO PATRIMÔNIO NACIONAL

O Presidente da República assinou o seguinte decreto:

Art. 1.º — O Governo Federal assume, na data desta decretação, o passivo das empresas incorporadas definitivamente ao patrimônio nacional, pelo art. 2.º do Decreto-lei n.º 9.831, de 26 de julho de 1946, relativas ao período compreendido entre 4 de setembro de 1932 e 31 de agosto de 1946.

Art. 2.º — Para o efeito, o Governo Federal adotará a seguinte referência: em um adiantamento de trinta milhões de cruzeiros (Cr\$ 30.000.000,00).

Art. 3.º — Fica aberta ao Ministério da Fazenda o crédito especial de cinquenta e oito milhões de cruzeiros (Cr\$ 58.000.000,00), para ocorrer às despesas (Serviço e Encargos) a que se referem os artigos anteriores.

Art. 4.º — Para atender às despesas decorrentes do art. 1.º deste Decreto-lei, fica a União do Fomento autorizada a emitir apólices da Divisão Pública Federal de Crédito, até o limite máximo de cinquenta e oito milhões de cruzeiros (Cr\$ 58.000.000,00).

Art. 5.º — As apólices serão de 100 cruzeiros (100.000) e serão emitidas em parcelas, vencendo os juros de cinco por cento (5%) ao ano.

Art. 6.º — Os pagamentos serão efetuados pelo valor da apólice das apólices.

Art. 7.º — Este decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 8.º — Revogam-se as disposições em contrário.

ENFERMEIROS PARA O INSTITUTO DOS COMERCIÁRIOS

A partir de 4 do corrente, e devendo encerrar-se a 23, estão abertas inscrições para as provas necessárias à admissão de ENFERMEIRO, com os vencimentos de Cr\$ 1.150,00 mensais, po-

Postos • Bazar • Mercadão • Mercado de

PEITORAL DE ANGIO PELOTENSE

PNEUS "BIZAR"
Borracha natural.
"stock" de todas as rodagens.

LUIZ AVENA & CIA.
Av. Mem de Sá 253
Tel.: 32-5190

DOR DE CABEÇA
Melhoral
ENXAQUECA

Jornal "A Manhã" - 15/9/1946. Também encontrado em <http://memoria.bn.br/DocReader/116408/31271>

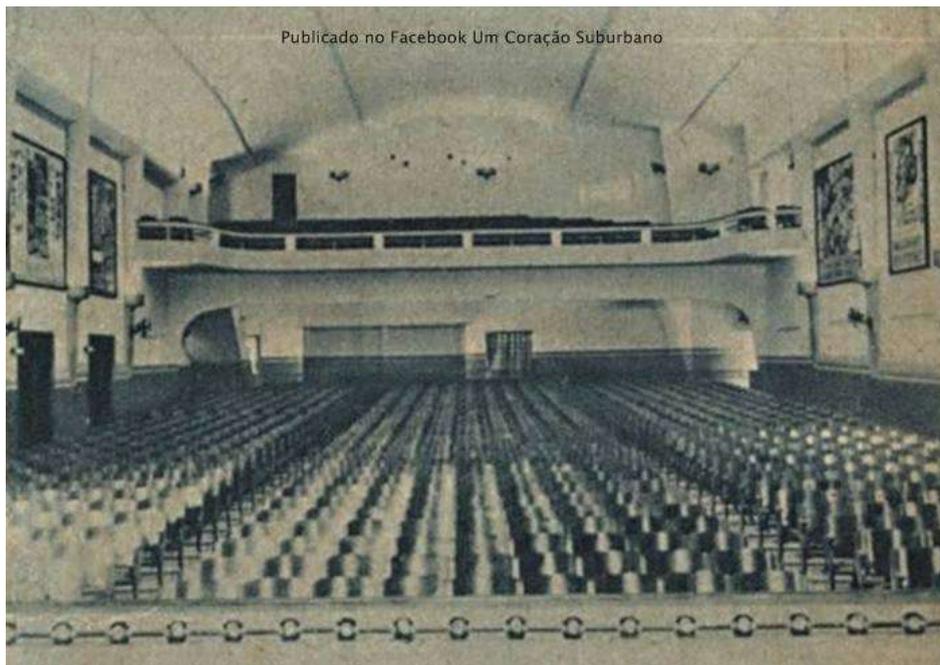
Brás de Pina era considerado um bairro modelo do ideal suburbano carioca que se construiu entre as décadas de 1930 e 1950. Uma vida suburbana era associada à tranquilidade e aos valores familiares.



Estação de Brás de Pina em 1930, e rua Santo Antônio com as casinhas, das quais resta intacta pelo menos uma em 2015 (O Cruzeiro, 5/6/1930).

OS CINEMAS DE BRÁS DE PINA

O bairro tinha muitas atrações, como restaurantes modernos e cinemas. Sim. Tinha 2 cinemas: o Cine Theatro Brás de Pina e o Cine Santa Cecília (foto), que nada ficava devendo aos melhores da Cinelândia. Os cinemas dos subúrbios da Leopoldina podiam oferecer conforto e luxo avançados a seus clientes;



O Radical - 25/10/1942

<http://memoria.bn.br/DocReader/830399/24744>

SANTA CECILIA
BRAS DE PINA — FONE : 30-1823
HOJE — ULTIMO DIA
Sessões a partir de duas horas
O MUNDO E' UM TEATRO
Um espetáculo musical da "Metro"
com: JAMES STEWART, Heddy
Lamar e Judy Garland.
OS PERTURBADORES DOS PARADISOS, 3/4 eps. (Imp. até 10 anos)
Cine Jornal Brasileiro 2x133 (atual.)
(Complemento Nacional) DIP

Não demorou muito para o novo bairro ficar conhecido como Princesinha da Leopoldina. Na edição de 16 de novembro de 1931, o jornal *O Globo* publicou foto de “uma das mais pitorescas vivendas da Vila Guanabara”. Tratava-se de uma casa hoje abandonada e conhecida como Castelinho de Brás de Pina, que a Associação de Moradores sonha em transformar em um centro cultural.

Construída pelo exportador de café Ruy Campista, a residência foi comprada por Othon Silva e Souza, que tinha um colégio particular no bairro (hoje, a família tem várias escolas espalhadas pelas zonas Norte e Oeste do Rio). Ficaram famosas as grandes festas que ele ali promovia e que, não raro, saíam nas colunas sociais dos periódicos da cidade.

Wagner Netto, antigo morador do bairro, disse ao *O Globo*, em entrevista de 24 de novembro de 2012, que naqueles tempos era chique morar em Brás de Pina, onde a então jovem Dolores Duran aprendeu a tocar piano. Hoje, o bairro tem uma rua que homenageia a lendária cantora e compositora carioca. O projeto que visa transformar o Castelinho em um centro cultural também leva o seu nome, mas, depois de ter sido aprovado pela administração do município no final do século XX, ele nunca mais saiu da gaveta.

AS RUÍNAS DE BRÁS DE PINA



Ruínas em Brás De Pina, S. d.. (a partir do final da década de 1950) - Brás de Pina(RJ) / Fundo Instituto Oswaldo Cruz - Fiocruz

No início do século XX, foram descobertas as ruínas do grande engenho de Brás de Pina, estruturas do século XVIII que resistiram ao tempo. Além da estrutura residencial do engenho, também estava em ruínas uma capela dedicada à Nossa Senhora da Conceição, citada em fontes como sendo uma das mais belas da área. A fazenda ficava próxima onde hoje, provavelmente, seja a rua Guaporé. Tudo indica que as ruínas foram postas totalmente abaixo pelas obras de um conjunto residencial inaugurado por Carlos Lacerda, governador da Guanabara.

Em 1917, as ruínas de Brás de Pina serviram de locação para a filmagem do primeiro filme policial do cinema brasileiro, intitulado “A Quadrilha do Esqueleto” — uma produção de uma pequena empresa de propriedade de Irineu Marinho. Nessa época, foram encontrados túneis subterrâneos debaixo da estrutura da famosa capela da fazenda do Visconde de Brás de Pina. Chegaram a confundi-los com os lendários túneis dos Jesuítas, que, segundo reza a lenda, levariam a tesouros infindáveis. Muito provavelmente eram apenas cavernas usadas pelos moradores do engenho, com a finalidade de conservar alimentos e bebidas.



Um aspecto antigo da ruína do palácio onde ainda, recentemente, restava uma parte da capela, da fazenda pertencente ao rico armelro Brás de Pina, segundo proprietário conhecido das terras onde hoje existe um bairro moderno. Nessa ruína, em 1917, A NOITE realizou com esplêndido êxito

BRÁS DE PINA CARNAVALESCA

O bairro de Brás Pina era muito festeiro. E mais especificamente, carnavalesco. De lá surgiram inúmeras agremiações, ranchos, blocos, todos muito ativos e alguns até com desempenho em nível de “Grupo Especial”. Era o caso da escola Tupi de Brás de Pina, que chegou a desfilar na Avenida Presidente Vargas ao lado das grandes.

Mas também tinha a antiga União da Mocidade, um rancho tradicional do bairro, que já existia antes do bairro existir. Não era apenas de carnaval que vivia a União da Mocidade. Eram tradicionais e suntuosas as suas Festas Juninas lá pelo final da década de 1920.



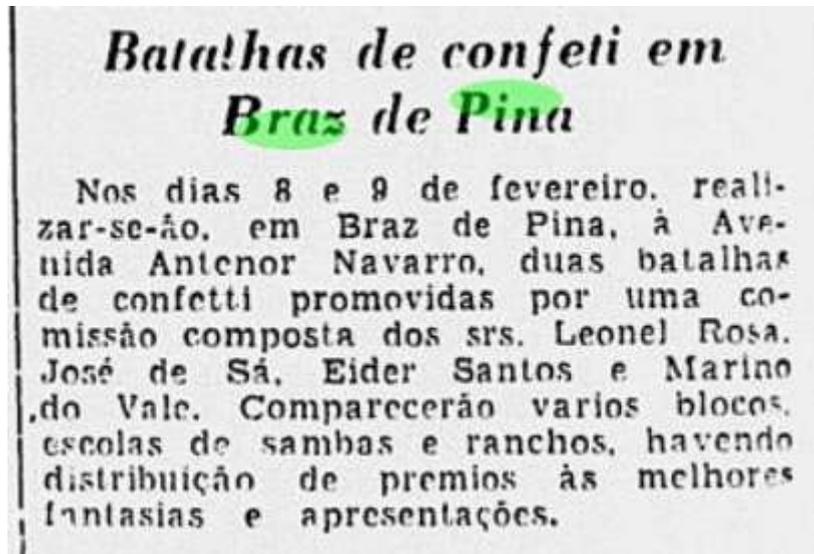
Jornal "A Manhã" - 13/1/1928. Também encontrado em <http://memoria.bn.br/DocReader/116408/4300>

Havia também a Caprichosos de Brás do Pina, que tinha como sede um elegante palacete na Estrada do Brás do Pina, 388.



No Dia dos Ranchos, vemos a Caprichosos de Brás do Pina - Revista "Careta" - 17/2/1934. Também encontrado em <http://memoria.bn.br/DocReader/083712/54371>

O período pré-carnavalesco era animado em Brás de Pina no início dos anos 1940. Até batalhas de confete havia, na Avenida Antenor Navarro, ainda em janeiro. Blocos, escolas e ranchos do bairro compareciam e disputavam prêmios pelas melhores fantasias e performances.



Jornal "Diário de Notícias" - 29/1/1941. Também encontrado em http://memoria.bn.br/DocReader/093718_02/4323

Não podemos deixar de falar dos bailes de carnaval em Brás de Pina. Um dos mais concorridos era o baile do "Cine Teatro Braz de Pina".



Jornal "Diário da Noite" - 16/2/1949. Também encontrado em http://memoria.bn.br/DocReader/221961_02/49552

O banho de mar à fantasia, tradição carioca que infelizmente se perdeu, não acontecia apenas na Praia do Flamengo. Em 1950, é finalmente realizado o primeiro banho de mar à fantasia na Praia de Ramos. Era uma competição de fantasias, com prêmios e honrarias.

**BANHO DE MAR
A FANTASIA**

Será finalmente amanhã, a realização do primeiro banho de mar a fantasia de 1950 e que terá por local a praia de Ramos.

Numerosos concorrentes já foram inscritos, como "Manda quem pode", "Del Castillo", "Indianos de Inhaúma", "Orgulho de Cordovol", "Aprendizes de Lucas", "Unidos de **Bras de Pina**", "Garotas Endiabradas", "Índios do Brasil", "Tribo dos Guaranis", "Tribo dos Caetés", "Azul e Branco de Bonsucesso", "Unidos da Tamarineira" e muitos outros que concorrerão aos prêmios e diplomas de honra que serão conferidos.

O espetáculo praiano será filmado por várias empresas cinematográficas e posteriormente exibido nos principais cinemas do Brasil.

Jornal "Tribuna da Imprensa" - 21/1/1950. Também encontrado em http://memoria.bn.br/DocReader/154083_01/238

Era também tradicional o baile do principal clube social do bairro, o Brás de Pina Country Club, como informa o jornal "A Manhã", em fevereiro de 1950:

**Bailes de Carnaval no Brás
de Pina Country Club**

Todos os esforços vêm sendo feitos pela atual diretoria do **Brás de Pina Country Club**, para que o Carnaval deste ano tenha o maior sucesso naquele subúrbio da Leopoldina. A ornamentação relembrando o Carnaval dos nossos avós, constituirá uma das muitas atrações, que a simpática agremiação de Brás de Pina, oferecerá a seus frequentadores e simpatizantes. A famosa orquestra Guarani, sob a batuta de Celso, animará as quatro noites de carnaval, em homenagem ao Imperador da Folia. O Baile infantil tem sido objeto de estudos, pois valiosos prêmios serão distribuídos aos garotos fantasiados, que apresentarem, beleza e originalidade. A diretoria avisa por nosso intermédio, aos senhores associados para retirarem seus convites com antecedência.

Jornal "A Manhã" - 8/2/1950. Também encontrado em <http://memoria.bn.br/DocReader/116408/47283>

Porém, em se tratando de carnaval, nenhuma agremiação de Brás de Pina foi tão longe quanto a Tupi de Brás de Pina, escola de samba fundada em 1948. Sua estreia na Avenida Presidente Vargas, lado a lado com as grandes, aconteceu em 1962. Infelizmente não foi uma boa estreia, mas o importante é que lá estava o bairro de Brás de Pina, finalmente representado entre a realeza do samba carioca.



A MANGUEIRA E O SALGUEIRO, QUE

A AJUDA dos «canarinhos» (receptionistas do Departamento de Turismo), foi inestimável, no momento em que parecia que a Portela não mais desfilaria, porque o povo não dava passagem. As jovens receptionistas, de mãos dadas, fizeram uma fila e ajudaram a «abrir alas» e a grande Escola de Madureira passou, finalmente.

T U P I

Desfilando pela primeira vez na Avenida, a Tupi de Brás de Pina, não tem ainda categoria para concorrer; assustou-se talvez com a grande massa popular e desfilou sem muito entusiasmo. Tem uma bateria fraca e a Escola, em conjunto, não agradou.

C A B U Ç U

Contando apenas com uma porta-bandeira de categoria, a Unidos do Cabuçu também não impressionou. Sua bateria está muito «molhada», na base de chocalho e de instrumentos de percussão, o que a torna muito estridente.

Jornal "O Mundo Ilustrado" - 7/3/1962. Também encontrado em <http://memoria.bn.br/DocReader/119601/26356>



A Tupi é afilhada da Portela e adota as cores da escola de Madureira. Mas tem cadência própria e mulatas sensacionais.

TUPI
Com uma bateria composta de 250 pessoas, a escola de Brás de Pina não deixou o samba cair

DESFILANDO pela primeira vez entre as escolas do Grupo I, a Tupi de Brás de Pina fez tudo para justificar a sua promoção. Seu forte eram as mulatas, todas altas e com tamancos de 20 cm, que davam grande calor à batida do samba-enredo, inspirado no tema *Assim Dança o Brasil*. A bateria composta de 250 pessoas não deixou cair a animação e as 123 alas defenderam as cores da escola, que são azul e branco, como as da sua coirmã de Madureira. Afilhada de Natal da Portela, a Tupi chegou no Grupo I para ficar, com muito ritmo e categoria.

33

Em reportagem da revista “O Cruzeiro”, de 21 de março de 1973, a Tupi de Brás de Pina figurou novamente entre as grandes do carnaval carioca.



A BADALADA BRÁS DE PINA

Brás de Pina era um bairro desejado e cobiçado, inclusive por celebridades do rádio e do esporte. Muitos jogadores de futebol escolhiam Brás de Pina para viver. Um deles foi Telê Santana, que se mudou com a esposa e o casal de filhos pequenos e chegou até a abrir uma sorveteria, que ficou famosa por lá.



BRÁS DE PINA TAMBÉM TEM FAVELA

Ao longo dos anos, enquanto uma Brás de Pina oficial, planejada, elegante e organizada crescia, se desenvolvia, e atraía um público de alto nível financeiro, ao mesmo tempo um “lado B” instalado em moradias precárias, em palafitas e pântanos, só fazia crescer.

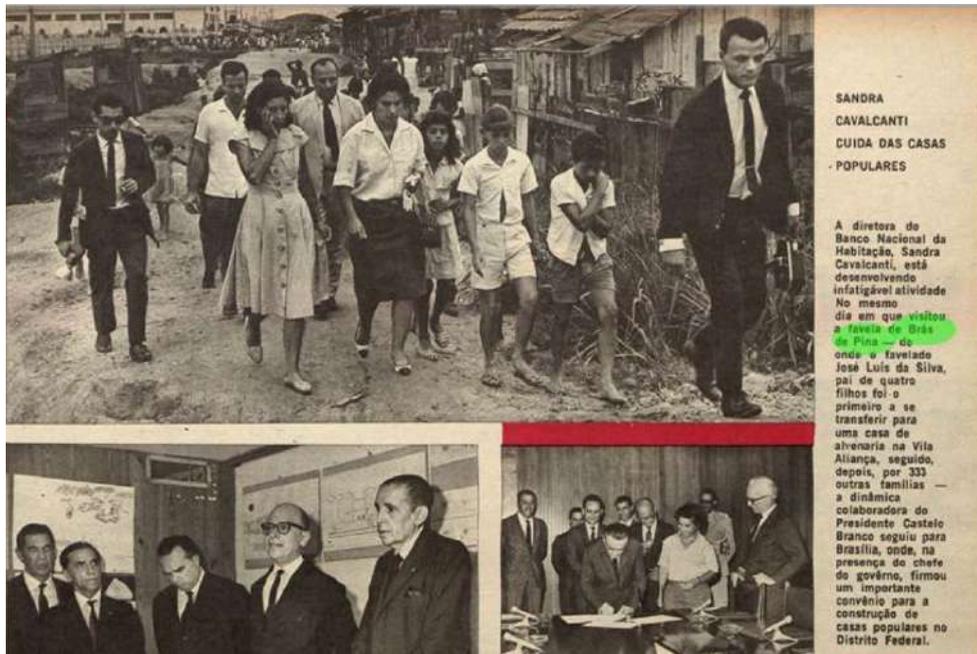


Favela de Brás de Pina, 1948 - foto de Osvaldo Gilson Fonseca Costa.- acervo IBGE



Favela de Brás de Pina, 1948 - foto de Osvaldo Gilson Fonseca Costa.- acervo IBGE

A Favela de Brás de Pina recebeu a visita, em janeiro de 1965, da diretora do Banco Nacional de Habitação (BNH), Sandra Cavalcanti, que trazia os planos da ditadura para essas comunidades. A ideia que trouxe foi a de construir casas populares (nada muito inovador para um problema tão antigo).



Revista "Manchete" - 9/1/1965. Também encontrado em <http://memoria.bn.br/DocReader/004120/60959>

COM LACERDA, VÊM AS REMOÇÕES

Nos anos 1960, a favelização tomava proporções complicadas em Brás de Pina. Com Lacerda, houve remoções como no resto da cidade. As palafitas de Brás de Pina ficavam em meio a um pântano alagado e as condições de vida eram precárias.



Mendes Décio, 2/1/1965 - Arquivo Nacional, Correio da Manhã, BR RJANRIO PH.0.FOT.1664

A população favelada resistiu, com protestos e manifestações, em plena ditadura, e se organizando para exigir melhores soluções do governo. Mas a solução veio dos próprios moradores organizados.



Os moradores da favela de Brás de Pina organizaram-se para contratar arquitetos que fizessem um projeto de urbanização participativo. Em 1969, foi implementado com eficiência pelo grupo QUADRA, integrado por jovens arquitetos.



Resultado da urbanização participativa de 1969

CONSTRUÇÕES QUE MANTIVERAM O ESTILO ARQUITETÔNICO ORIGINAL



Esta casa foi reformada e conservou as características originais. Muros baixos e grandes varandas



Estúdios Sergio Dutra, Rua Iricumé esquina com Av Arapogi.



Casa situada na Av Arapogi ainda conserva as mesmas características dos primórdios de Braz de Pina inclusive os muros baixos.



O casarão normando perto da estação hoje, dilapidado.



Casa em estilo Missões

SURGE A CLÍNICA HEITOR DOS PRAZERES EM 2011



Prefeito Eduardo Paes inaugurou placa comemorativa da Clínica da Família Heitor do Prazeres, em 2011.

Em 2011, Brás de Pina finalmente tem sua Clínica da Família Heitor dos Prazeres inaugurada. Antes dela, a população local não tinha uma referência de assistência de saúde tão próxima — e que funcionasse. A regra era a perigosa automedicação ou o deslocamento até grandes hospitais gerais como o de Bonsucesso.

Inevitavelmente não conseguiram o melhor ou o mais célere dos atendimentos. Afinal, havia casos mais graves na frente, na fila. A população precisava de uma clínica onde houvesse a preocupação com a prevenção. O resultado, doze anos depois, é uma população com menor incidência de AVC e infarto,;

Na gestão anterior, a “Heitor” sofreu com demissões e cortes de equipes inteiras do programa Saúde da Família. Da noite para o dia. Além disso, o sofrimento era também por causa da deterioração dos equipamentos e mobiliário da Clínica, dificilmente recuperados durante os tempos difíceis que vivemos e que, felizmente, só perdurou por quatro anos.

Com o novo governo de Eduardo Paes, começa um trabalho de recuperação das clínicas da família. Em 2023, chegou a vez da “Heitor”, que foi simbolicamente reinaugurada. Após grande reforma, que, sem interromper o atendimento, recuperou suas instalações.



QUEM FOI HEITOR DOS PRAZERES AFINAL?



Heitor dos Prazeres (1898-1966) foi compositor e pintor carioca de suma importância para ambas as artes. No samba, foi figura-chave na criação de importantes escolas de samba, como Portela, Mangueira e Deixa Falar (futura Estácio de Sá). Uniu-se a grandes compositores, como Cartola, Sinhô, Donga e Paulo da Portela, e foi também grande, compondo clássicos como “Mulher de Malandro” e “Gosto que me enrosco”.

Nas artes plásticas, foi genial, mesmo que autodidata. Um dos representantes da arte naïf no Brasil, retratava em suas pinturas o cotidiano da cidade periférica, as rodas de samba, o carnaval, levando o povo preto e pobre para o centro da narrativa, sempre colorida e deslumbrante. **Merecida homenagem a um grande artista brasileiro!**



Samba na Lapa - 50 x 65 cm - óleo sobre tela - ass. inf. dir. / 1963